

A Nuvem, a Névoa e o Nevoeiro: Sobre Outros “Vandalismos”

The Cloud the Mist and the Fog: About Others “Vandalisms”

La Nube La Niebla Y La Bruma: Acerca de Otros “Vandalismos”

Natália Muniz de Pádua

Graduanda em Psicologia Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro – RJ - Brasil.

E-mail: Muniz.nathy@gmail.com

Bruno Giovanni de Paula Pereira Rossotti

Bruno Giovanni de Paula Pereira Rossotti - Doutorando em Psicologia, Professor substituto do Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro e Diretor do Departamento de Desenvolvimento de Pessoas da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

E-mail: rossotti.bruno@gmail.com

Pedro Paulo Gastalho de Bicalho

Possui graduação em Psicologia pela Universidade Federal Fluminense, especialização em Psicologia Jurídica pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro, mestrado e doutorado em Psicologia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Professor Adjunto do Instituto de Psicologia e do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Bolsista de produtividade em pesquisa (CNPq) e Jovem Cientista do Nosso Estado (FAPERJ). Coordenador da Comissão Nacional de Direitos Humanos do Conselho Federal de Psicologia, entre 2011 e 2013. Em 2013 foi professor visitante da Universidad de la Republica (Uruguay), pelo convênio CAPES-UdelaR. Tem experiência na área de Psicologia, atuando principalmente nos seguintes temas: direitos humanos, segurança pública, governamentalidade, processos de criminalização, produção de subjetividade, gênero e diversidade.

E-mail: ppbicalho@ufrj.br

Resumo

O presente artigo tem como objetivo discutir o discurso midiático dicotomizante que tem sido produzido a respeito dos protestos que se iniciaram no Brasil a partir de junho de 2013. A partir da vivência dos protestos e das leituras de Foucault, busca-se compreender os movimentos de resistência como múltiplos. Entende-se a própria multiplicidade – em sua recusa a ser *homogeneizada* para ser então compreendida, contida - como uma forma de resistência. É discutido também o papel desempenhado, nesse contexto de resistência e revolução, pelo plano da internet.

Palavras-chave: Produção de subjetividades; Espaços midiáticos; Manifestações.

Abstract

This article intends to discuss the dichotomizing media speech that has been produced about the protests that begun in Brazil since June of 2013. From the experiences lived in the protests and the reading of Foucault, it is intended to understand the resistance movements as multiple. This multiplicity itself – a refuse to be homogenized to be understood and restrained – is perceived as a way of resisting. It is also discussed the role that the internet plays in this context of resistance and revolution.

Key-words: production of subjectivities; media spaces; protests.

Resumen

El presente artículo tiene como objetivo discutir la dicotomización del discurso mediático que se ha producido sobre las protestas que comenzaron en Brasil en junio de 2013. A partir de la experiencia de las protestas y las lecturas de Foucault, busca entender los movimientos de resistencia como multiplicidad. La multiplicidad - en sí misma niega toda homogeneización para ser entendida y capturada - es percibida como una forma de Resistencia. También se discutió el papel desempeñado por la internet en este contexto de la resistencia y la revolución.

Palabras- clave: producción de subjetividades, espacios de comunicación, manifestaciones

A nuvem, a névoa e o nevoeiro: sobre outros “vandalismos”

O que há de múltiplo nessa história?

Os relatos e frases a se desenharem nas próximas páginas tentam intervenções no leitor e estabelecem com um determinado grupo de pesquisas uma relação de proximidade-inclusão. Trata-se do projeto “Subjetividade e Políticas de Segurança Pública”, no qual se inserem discussões acerca de processos de produção de subjetividades e suas articulações com dispositivos de po-

der utilizados para a legitimação de práticas de dominação-sujeição.

Um dos alvos de nossa consternação é a atual leitura realizada por setores de mídia - que insistem em esvaziar a discussão ético-política trazida à baila pelas marchas que vêm se intensificando no Brasil desde o mês de junho de 2013 - através de um discurso polarizante que diferencia “manifestantes pacíficos” e “vândalos / baderneiros / terroristas”. Operar essa distinção tem produzido maneiras de perceber o mundo que justificam, diariamente, o arranjo das políti-

cas de segurança objetivando a violenta supressão das manifestações.

Para além da discussão das pautas levantadas nas diversas marchas, parece-nos central destacar que a dicotomia tão veiculada pelo movimento midiático hegemônico obnubila uma das características centrais das atuais ocupações do espaço urbano realizadas pelas manifestações. Ao abraçar esse olhar polarizado, perde-se de vista a pluralidade que constitui as marchas recentes.

Tal prejuízo desenha-se, especialmente, em torno de uma dupla supressão. Ao produzir um muro que divide “manifestantes” e “vândalos”, o discurso midiático hegemônico propõe a supressão da diversidade de pautas, no entanto, em um mesmo movimento, despotencializa as diferentes formas de resistências que se dão nas manifestações. Os setores da grande mídia valoram as maneiras de ser e existir nos protestos, afirmando uma determinado aprisionamento da estética de ser manifestante no interior de uma concepção de assepsia. Segundo tal olhar, o manifestante pacífico e cidadão não fecharia ruas, causaria danos ao patrimônio e denunciaria os vândalos para o aparato de segurança, composto majoritariamente, no Rio de Janeiro, pela Polícia Militar – especialmente na figura de seus batalhões especiais.

Nesse sentido, é mister discutir o pluralismo dos modos de se fazer revolu-

ção, entendendo-os enquanto expressão de resistências. Utilizando a vivência dos protestos, pretende-se reafirmar a importância de compreender esse movimento de coletivos enquanto uma chuva de multiplicidades, heterogeneidades e modos de resistir igualmente diversos, tomando enquanto analisador o plano da internet enquanto máquina de guerra, frente à ação violenta tanto das organizações de segurança, quanto de discursos homogeneizantes e totalizantes.

Um campo meteorológico

A sensação que insiste em seguir grudada na pele, durante uma manifestação, é o medo. Seu toque pegajoso, incômodo, impossível de mascarar pela dessensibilização que, graciosamente, faz-nos esquecer a presença das roupas. Um incômodo que se inicia no próprio divergir da tão cotidiana segurança do trajeto casa-trabalho-universidade, ou qualquer anagrama capaz de dele derivar.

Para muitos, o habitar o campo de um protesto já se enuncia como o perigo já tão divulgado da violência policial e sujeição à incriminações pelos mais variados motivos. Para nós, ocupantes desta amálgama deliciosa e trágica do ser militante-pesquisador, estar ali era parte de um compromisso.

Compromisso soa uma palavra adequada. Caso retornemos ao seu verbo, comprometer, denuncia-se o empenho da sua palavra. A honra em jogo! “Eu me comprometo a estar com todos vocês no protesto!” No entanto, comprometer coloca, também, a dimensão do pôr em risco, envolver-se ou se expor ao perigo.

A memória viva das imagens dos dias passados transformava a substância que tornava o medo nosso ornamento principal, agarrado à pele como se tratasse de uma cola instantânea. Relembramos cenas de um de nossos diários de campo:

Menos de vinte e quatro horas antes, o gás lacrimogêneo expulsou um mar de pessoas que usavam seus corpos, atirados ao chão da principal via ao lado do estádio do maracanã, para lembrar que há aqueles que suspeitavam da real necessidade de uma Copa do Mundo no Brasil. (Diário de Campo, Rossotti, 17 de junho de 2013)

A. K., membro do grupo de pesquisa, tomou o cuidado de narrar sua experiência no site da Companhia de Engenharia de Tráfego do Rio de Janeiro, a famigerada CET-Rio. Há, no referido espaço virtual da companhia, a fortuita possibilidade de visualizar as câmeras de trânsito espalhadas pelo Rio de Janeiro, utilizadas para avaliar o volume de tráfego e controlar os semáforos da cidade, em sua necessária sinfonia. Nos-

so correspondente aponta que, entre uma atualização e outra da câmera – espaço de tempo de um pequeno punhado de segundos – o chão passou de tomado de pessoas à uma névoa irritante acompanhada de pequenas granadas deflagradas no chão.

O gás roubou o espaço dos corpos, denunciando que, no trânsito desta cidade, a preferência da via é dada ao gás das lágrimas.

Existe uma mística envolvendo o nevoeiro. Verdade seja dita, há o simbolismo em ser por ele envolvido, a bem dizer... O ar inexpugnável pelos olhos acompanha um sem número de atmosferas de terror, desde o livro “Drácula”, de Bram Stoker, aos filmes “Silent Hill” e, por que não, o próprio “O Nevoeiro”!?

Nas duas primeiras obras, o papel do nevoeiro é marcar uma atmosfera de perigo. Ser um elemento acessório à presença aterradora do excêntrico conde imortal, ou manto desolador de uma cidade habitada pelo inexplicável.

É possível perceber, no entanto, que em “O nevoeiro” é justamente a bruma a essência do pavor. Ela toma a cidade, invade cada pequeno espaço, rompe vidros, impede desvelar seus mistérios e, invariavelmente, os que nela se aventuram, não regressam. A névoa é um ente persecutório, emissário da morte, implacável em sua busca por erradicar cada aspecto da sanidade dos so-

breviventes da cidade, que enlouquecem na medida da consciência de sua própria impotência.

Retornando às memórias. O amontoado de corpos que, em protesto, bloqueava a avenida, não desvaneceu no ar, como fumaça. Fugiram como um bloco desorganizado para a Quinta da Boa Vista, parque próximo da região, lar do Zoológico do Rio de Janeiro e do Palácio Imperial – residência oficial da família imperial nos idos do século XIX. Forjaram seu próprio cerco, fugindo para uma área sem saída.

O nevoeiro os seguiu...

Rádios que relatavam os acontecimentos tiveram seus sinais cortados e substituídos por narrações do jogo de futebol que acontecia no Maracanã. As câmeras da CET-Rio encontravam-se fora do ar. Manifestantes encurralados enfrentavam o nevoeiro de gás, balas de borracha e bombas de efeito moral. A mensagem que circulava na rede era “A polícia sequestrou os manifestantes”.

Os dias anteriores em várias capitais do país foram permeados pelo absurdo. Todo o aparato de segurança estatal plantou a violência, durante os atos. A população colheu e se alimentou fartamente do medo. Um medo-captura, que destitui a fluidez do desejo.

O medo, este nevoeiro, é um obstáculo, barreira, parede... Como tal, inviabiliza o movimento, ou apenas possibilita movimentos que caibam nos seus contornos. Escorre-se para onde o dique delimita, até onde a visibilidade aponta.

Tanto névoa, quanto nevoeiro são partículas d’água suspensas na atmosfera. A distinção meteorológica entre os dois é dada por uma questão de visibilidade. Enquanto a névoa não causa grandes obstruções, o nevoeiro atenta *perigosamente* contra o discernimento daquele que está envolto por ele.¹

Desde o início das marchas de junho a atmosfera se preencheu com gotas. Suas múltiplas cores, sabores e cheiros criaram uma névoa que ensurdeceu a racionalidade constituída em todos os planos nos quais uma tentativa de categorizar as manifestações ocorria. Nem intelectuais, ou manifestantes e principalmente políticos, eram felizes no intento de totalizar os acontecimentos em uma explicação razoável. Estávamos todos perdidos, vagando na névoa - a bater cabeças.

No entanto, talvez por uma continuidade com a lógica de resposta de nossa ditadura civil-militar às ações coletivas, a névoa tornava-se nevoeiro. Os relatos de medo da truculência policial e de ações fascistas - como o espancamento de porta-bandeiras de partidos políticos – acumularam-se. Gra-

dativamente, assistíamos ao espessamento da névoa e, como um piloto orientado por uma torre de controle, operávamos o nosso corpo-avião conforme as ordens. Esvaziamento, receio, sensação de impotência.

Por sorte, gotículas d'água também apresentam-se fora de dicotomias, em uma graciosa multiplicidade de possibilidades de composição. Para além da névoa de uma certa confusão – produtiva, é importante dizer – e do nevoeiro do medo, há nuvens. E como demoraram para aparecer...

Nuvens são, também, gotículas de água condensada. Estão normalmente fora do alcance de nossas mãos, a menos que um instrumento leve-nos ao seu encontro. No contemporâneo, as nuvens tomaram outro significado. Fala-se em computação em nuvem. Esse “cloud computing” seria a possibilidade de utilizar dados armazenados e a capacidade de processamento e cálculo de outros computadores interligados, como se os dados estivessem em todos os lugares – pois são acessíveis a qualquer computador conectado à rede - e em lugar nenhum – já que não estão salvos nas memórias dos computadores que temos em casa. O usuário não precisa se preocupar com a manutenção da informação e os “softwares” e compatibilidade dos sistemas operacionais, podendo compartilhar com o mundo suas informações e compor redes até então impensáveis. As nuvens vieram para ficar e

transformaram a maneira de se entender névoas e nevoeiros. A partir do momento em que ações arbitrárias ou expressões criativas de resistência podem, em tempo real, dispersarem-se pelo globo, sem a preocupação com os filtros da mídia hegemônica, produzindo afetos das maneiras mais diversas, as revoltas, revoluções e marchas precisam ser repensadas...

A revolução será *twittada*

A partir do fenômeno da internet, multiplicaram-se não apenas o número de informações que recebemos e de pessoas que as recebem, mas também o número de pessoas que falam e produzem essas informações. A frase, tantas vezes já repetida, “a internet é um espaço democrático”, refere-se ao fato de que, ao contrário dos espaços midiáticos da televisão e do rádio, qualquer pessoa que possua acesso à internet – e existem programas e políticas públicas para que ela se popularize cada vez mais – tem nela voz, tem um espaço para o seu discurso. Isso tornou possível que uma imensa variedade de discursos coexistam nesse espaço cibernético.

Em um diálogo entre Foucault e Deleuze (Foucault, 1979/2007), ambos tratam dos usos do discurso e o papel concernente aos intelectuais no proferir das palavras. Eles apontam que não cabe aos intelectuais

revelar uma suposta verdade às massas. Estas, possuem um saber. Entretanto, existe um sistema que desconsidera determinados discursos, invalida o saber das massas.

A temática da importância de que os sujeitos falem por si próprios também é âmbito da discussão supracitada (Foucault, 1979/2007). Por exemplo, no caso da experiência de Foucault, isso significou trabalhar junto à voz de presos franceses, propagando um determinado discurso sobre a prisão. No caso do movimento anti-manicomial significou passar aos loucos o papel de enunciar suas vivências. A partir dessa leitura cabe indagar por que são consideradas menos legítimas as falas dos assim chamados “ativistas de sofá”, já que se trata justamente do discurso das massas, e na maior parte das vezes, de uma parcela de pessoas diretamente afetadas pelos sistemas de opressão. Como é o exemplo das ativistas do feminismo, que fazem uso da internet como plataforma de luta.

A expressão “ativistas de sofá” era usada pejorativamente, para falar daqueles que expunham suas críticas e opiniões usando a ferramenta da internet, mas não iam para as ruas. Talvez uma crítica a uma geração que não “queimou sutiãs”² em praça pública, que não lutou contra a ditadura militar, que não esteve presente no caldo revolucionário de movimentos que ocorreram a partir de maio de 68, que não foi

um cara-pintada, e nem participou do coro que clamava “diretas-já!”. Entretanto essa expressão foi re-significada pelos próprios ativistas virtuais ou “de sofá”. Estes sujeitos se re-apropriaram da expressão, passando inclusive a se identificar desse modo, sem considerar algo negativo.

É importante, entretanto, ressaltar que as críticas a esta “geração”, citadas acima, fazem parte de um contexto sócio-político muito específico. Antes do mês de junho de 2013, esta era uma crítica comum. Torna-se importante re-contextualizar tal crítica diante do movimento que se iniciou no Brasil, e que tem levado a juventude desta “geração” às ruas. Esse coletivo, em uma resposta direta às críticas que clamam que ela não se apropriou do espaço das ruas para lutas políticas, usa para falar a respeito dos acontecimentos atuais a frase “O Brasil Acordou”, em uma referência justamente à estas críticas vindas de alguns que diriam que as grandes massas da juventude brasileira que estariam supostamente dormindo.

A afirmação de que a juventude brasileira dormia “eternamente em berço esplêndido” e estava, portanto alienada politicamente precisa ser problematizada, especialmente ao considerarmos os espaços de luta e movimentos sociais – neles incluso o tal ativismo de sofá - que existiam anteriormente.

O poder do discurso somado à enorme visibilidade de um espaço que vem se tornando cada vez mais democrático como a internet é imenso.

Partimos aqui do pressuposto de que qualquer espaço de fala e de luta é legítimo quando suplanta as amarras do poder que sujeita e mortifica. Nesses discursos em blogs de ativismo, fóruns de discussão, etc quem reivindica seus direitos, e estranha a suposta naturalidade do modo como determinadas relações constroem-se, não são estudiosos do assunto – a célebre figura do “entendido” – e sim justamente sujeitos que são atravessados por essas questões direta ou indiretamente no seu cotidiano. E isso é potente. Diz Foucault:

Mas se é contra o poder que se luta, então todos aqueles sobre quem o poder se exerce como abuso, todos aqueles que o reconhecem como intolerável, podem começar a luta onde se encontram e a partir de sua atividade(ou passividade) própria. E iniciando esta luta – que é a luta deles – de que conhecem. (Foucault, 1972, p.46)

Uma crítica central ao ativismo de sofá se dá principalmente pela crença de que o uso da internet para esse fim – ativismo ou outras formas de luta política - seria menos legítimo, pois estes sujeitos não estariam fazendo nada no “mundo real”. Entretanto, cabe procurar refletir a que serve essa

dicotomia entre mundo real e mundo virtual - e se ela realmente existe.

Partindo da perspectiva foucaultiana que nos remete a um real que é produzido historicamente, é importante atentarmos para como os meios de comunicação de massa contribuem na construção de “objetos, sujeitos, saberes, verdade, e do próprio real.” (Coimbra, 2001, p. 39). A autora recorre a uma interessante análise de Sodré (1992), segundo a qual os sistemas de informações - e isso envolve todas as mídias, seus diversos meios de comunicação e tecnologias informacionais – impõe-se, na atualidade, como lugar central de produção do real, organizando o espaço social contemporâneo. Aquilo que não foi noticiado passa de certa forma a não ter existido, permanece fora da memória histórica. A (não) mídia produz esquecimentos. Embora, em seu livro estas falas estejam sendo utilizadas para pensar a mídia de massa com foco particular na mídia televisiva e jornalística, podemos apropriar-nos de algumas dessas reflexões a respeito do mundo informacional e a produção do real a fim de entendermos melhor qual o sentido de uma dicotomia “real / virtual” e “dentro / fora” em relação as produções discursivas no espaço da internet. Ainda em relação à questão da importância do registro midiático na produção do real, podemos nos remeter à máxima dita em tom jocoso, numa brincadeira - de

assustador teor de verdade: “Se não está no Google não existe”.

Nas sociedades ocidentais globalizadas a esfera do virtual permeia o cotidiano dos indivíduos de modo intenso. Não existe uma separação do “acontece” na internet e “fora” dela. A dualidade dentro / fora é ilusória. A internet seria, enfim, mais uma ferramenta que proporciona espaços de interação, acesso à informação, etc. Entretanto existe uma peculiaridade em relação à forma como essas questões apresentam-se nesse espaço.

Na lógica da sociedade globalizada e conectada por todo instante, há uma forma muito peculiar de difusão de informação e visibilidade. Isso leva a uma reflexão em relação aos modos diversificados e inovadores que, principalmente, a geração que cresceu com a existência da internet, utiliza de forma a construir suas relações e entrar em contato com notícias.

Para muitas pessoas a internet é uma ferramenta principalmente para a comunicação relacionada ao ambiente profissional e familiar, ou até a momentos de descontração como vídeos e pequenos textos de espectro humorístico. A internet é, de fato, um espaço para todas essas coisas, mas serve, por conseguinte, como espaço possível para entrar em contato com notícias – que nem sempre são vistas primeiramente em jornais ou revistas online, pretensamente

“neutros”-, ler e emitir opiniões sobre elas, combinar manifestações públicas nas ruas. Em última análise, pode-se dela extrair uma potência política de resistência.

“A revolução não será televisionada” é o título de um documentário sobre o golpe que, em 2002, depôs o presidente venezuelano Hugo Chaves, tirando-o do poder³. Em uma menção ao título do filme, uma parede foi pintada na Turquia, com os seguintes dizeres: “A revolução não será televisionada. Será Twittada”. Referindo-se a rede social “twitter”. O contexto no qual essa frase foi pintada é de um caldo revolucionário que compôs com ferramentas das redes sociais encontradas na internet, tomando-as em um papel fundamental de articulação dos envolvidos no movimento.

No Egito, manifestantes derrubaram um governo que estava há trinta anos no poder. As ferramentas usadas na organização inicial do movimento e na divulgação em tempo real do que acontecia foram as redes sociais “facebook” e o “twitter”. A mesma forma de organização ocorreu na Tunísia e na Líbia. Tais redes potencializaram a atuação de movimentos sociais, mesmo em governos ditatoriais, com um forte controle estatal do acesso à informação, inclusive aquela que circula na internet. Entretanto, através de aparelhos móveis torna-se possível para cada usuário dessas tecnologias registrar e compartilhar globalmente e em

tempo real sua vivência. Esse movimento é uma interessante demonstração da descentralização do poder de divulgar informações, fazendo com que as pessoas tornem-se mais independentes da mídia massificada hegemônica.

Recentemente, em 2013, um movimento iniciou-se na Turquia buscando a proteção das árvores de um parque, chamado Parque Geizi. A partir de uma reação violenta e opressora por parte da polícia a manifestação cresceu e tomou repercussão mundial. Estas manifestações turcas tiveram novamente as redes sociais como peças-chaves. A articulação foi tão potente que, segundo o jornal inglês “The Guardian”, o primeiro ministro turco se manifestou na televisão local afirmando que, para ele, as redes sociais são as maiores ameaças à sociedade. Reproduziremos um trecho da reportagem, de tradução nossa: “Existe agora uma ameaça chamada Twitter. Os melhores exemplos de mentiras são encontrados lá.” (Letsch, 2013, 3 de Junho).

Pouco tempo depois dos protestos na Turquia, manifestações, com o intuito inicial de protestar contra o aumento das passagens de ônibus, alcançaram enorme projeção no Brasil, sendo fortemente reprimidas pela polícia militar com o uso de armas ditas “não-letais” – embora nos pareça mais correto nomeá-las como menos letais – contra os manifestantes, fazendo

com que as motivações das manifestações tomassem uma proporção muito maior com pautas heterogêneas tais como a luta contra as arbitrariedades das ações policiais, o aumento do custo de vida por conta dos grandes eventos que serão realizados no Brasil – Copa do Mundo, por exemplo, a violência – de todos os tipos – cotidiana, e a demanda de reforma política, por exemplo.

Tais acontecimentos nos mobilizaram, enormemente. Entraram em ressonância imediata com o que estávamos pensando e escrevendo. É algo que está acontecendo agora, é vivo, e ainda não sabemos como irá se desenhar/configurar. Ainda sim, sem pretensões de elaborar respostas, não pudemos nos furtar ao eco que algumas questões faziam com a relação entre ativismo, e a internet como espaço discursivo. Essas manifestações também foram articuladas através da internet, tendo começado a atingir grandes proporções a partir do ato realizado na cidade de São Paulo no dia 13 de junho. Ciente do papel das redes sociais na articulação das manifestações, o estado passou a investigar as páginas virtuais pessoais das pessoas que (se) articulavam (n)os eventos.

Nas ruas, um rapaz segurava um cartaz com os dizeres “Saímos do facebook”. O cartaz pode ser interpretado justamente como uma resposta às críticas ao ativismo “online”, e faz alusão a questão mencionada anteriormente do “dentro e fora” da inter-

net. Sim, os manifestantes (jovens, em sua maioria) saíram do facebook, para as ruas. Mas, colocando esse cartaz em análise, poderíamos pensar que saíram em dois sentidos. Já não se limitavam a ater-se somente ao ativismo virtual, ocupando o espaço público, ocupando as ruas, para reivindicar seus direitos, mas “saíram do facebook” também no sentido de que foi a partir dessa rede social que o movimento produziu importantes articulações. Também foram a partir das redes sociais que as pessoas passaram a registrar - em vídeos, em textos e outras formas de expressão - sua perspectiva do que estava acontecendo nas manifestações.

Um vídeo muito interessante foi massivamente divulgado na “web”, tendo sido intitulado “Como filmar uma revolução”, dublagem brasileira de um vídeo estado-unidense já existente, produzido no momento do movimento “Ocuppy Wall Street”⁴. No vídeo um rapaz dá dicas para os manifestantes de como filmar e registrar o que está acontecendo durante as manifestações. Ele, no próprio tutorial, realiza um chamado:

Quem captura as imagens? Raramente a mídia de massa. Eles são muito grandes e muito lentos. É você, cidadão portando uma câmera. Vivemos num tempo em que as pessoas capturam e distribuem provas visuais diretamente para o povo.

Não dependemos mais de intermediários e suas meias verdades.

O vídeo convoca cada um a estar no papel de agente na produção de informação e não de consumidor passivo.

A partir dessa proposta, surgem iniciativas como a mídia NINJA (Narrativas Independentes, Jornalismo e Ação) que é construída por uma rede difusa de diversos sujeitos, e não possui auto-definições além do próprio nome e o ideal de estar em ‘vários lugares’, tal qual um ninja mesmo, no sentido da difusão e da porosidade. A partir do ideal da ausência de “intermediários”, partem da visão de cada um desses sujeitos - que integram o coletivo NINJA, que comumente usam uma câmera atrelada a cabeça, transmitindo ao vivo pela internet suas vivências no protesto. Ou seja, eles não estão meramente “cobrindo” o protesto, como a grande mídia. Eles estão vivendo o protesto, consideram-se manifestantes. Ao mesmo tempo, transmitem aquilo que estão vivenciando, ao vivo.

A idéia é que não exista uma única versão “oficial” e sim uma pluralidade de versões do que está ocorrendo, sem uma aspiração à neutralidade. Pelo contrário, o coletivo de mídias NINJA pretende-se engajado em movimentos sociais específicos. O ativismo, as lutas nas ruas, são constantemente atualizadas pela rede e vice-versa. Ilustrando essa idéia, em uma entrevista a

revista Piauí (Bressane, 2013, Junho), um dos membros do grupo afirma que a rede e a rua fundiram-se.

Afinal, o ativismo da mídia NINJA é nas ruas, ou é virtual? Percebemos que a pergunta não faz sentido, não existe, nesse contexto, uma separação.

Abordando esta temática dos espaços “rede” e “rua”, em 2013, a corporação “Google” publicou um vídeo intitulado “Praças Públicas”⁵ - tradução nossa. No vídeo, é discutido brevemente o papel histórico do espaço das praças públicas em movimentos sociais. Após esse momento, há uma exposição das possibilidades de “Praças Públicas virtuais”, diz o narrador do vídeo:

Nós temos agora a possibilidade de praças públicas virtuais, onde pessoas comuns podem deliberar e identificar-se com causas em comum independentemente não apenas de raça, gênero como também de nações. As velhas praças públicas nunca vão embora, mas a seguinte questão se enuncia: quais são as possibilidades agora?

A ferramenta da internet como espaço discursivo democrático que permite que individualmente a cada um ser participe de uma rede de mídia abre espaço para falas de resistência mas abre também para que outros discursos sejam potencializados, como por exemplo, os discursos de ódio. Estes aparecem na internet de diversas formas.

Podem ser citados como exemplo desde a criação de blogs e páginas neonazistas, com conteúdo discriminatório a negros, homossexuais e mulheres, até espaços como as redes sociais, e portais de notícias nas quais tais veiculações fascistas aparecem na forma de postagens e comentários muitas vezes despretensiosos.

#SomostodosNINJAs

Não. Não há um erro de tipografia no título acima. O sinal que poderia ser interpretado como descuido daquele que o escreve em suprimir um símbolo que não obedece às normas da “American Psychological Association”, seguido pela insistência em suprimir os espaços, é uma máquina de guerra.

Se em nossos artigos dotados de estatuto científico agrupam-se as produções por palavras-chave, no espaço limítrofe da rede mundial de computadores, a forma enunciativa do título é denominada “hashtag”. Elas são nada menos que um denominado enunciado precedido pelo símbolo “#”, sem espaços entre suas palavras.

Diz-se aqui nada menos, pois elas são algo mais. Uma cerquilha, nas redes sociais, serve ao propósito de agrupar todos os enunciados iguais, de maneira que através de uma ferramenta de busca, todas as publicações de todos os usuários que

utilizaram o mesmo indexador possam ser encontradas em uma mesma página e acessadas utilizando a própria “hashtag” enquanto “hiperlink”. Em uma linguagem menos técnica e incompreensível, utilizando essa estrutura de escrita nas redes sociais todo conteúdo publicado concernente a um assunto específico pode ser acessado com um clique e há algumas particularidades nisso.

A primeira diz respeito à individualização. Ao longo de sua obra, Foucault coloca-se em uma posição crítica, ressaltando que as formas de dominação, exploração e sujeição utilizam-se de estratégias tanto em um nível de totalização, quanto em um esforço de individualização. Tratando da última enquanto dispositivo de desarticulação das potências coletivas, João Batista Ferreira proferiu interessante colocação em um evento realizado em 10 de julho de 2013, no Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

O título do evento era “Silêncio é Impossível - Debate sobre as atuais mobilizações”. Nele, o professor supracitado expõe uma narrativa sobre as bombas de gás lacrimogêneo e efeito moral. Diz ele que seus objetivos são, justamente, dispersar o coletivo, na medida em que força os sujeitos à individualização. Poderíamos propor a seguinte leitura, a partir disso: Para extirpar do coletivo sua potência grupal, aprisiona-

-se cada corpo em um modo-de-ser-indivíduo, produzido pela presença do gás, do som ensurdecador da bomba e do medo individualizante gerado no deflagrar das bombas. Foucault

diria que nossa individualidade, a identidade obrigatória de cada um é o efeito e um instrumento do poder, o que este último mais teme, ou seja, a força e a violência dos grupos. Ele tenta neutralizá-las por meio das técnicas de individualização, que começaram a ser empregadas desde o século XVII (Foucault, 1974/2012, p. 22)

Ironicamente, a exigência formal da ausência de espaços entre a cerquilha e as palavras que compõe a “hashtag” – de modo a que ela funcione enquanto “hiperlink”, elimina, também, a distância entre os internautas que a utilizam. Nesse sentido, a “hashtag” é uma zona de proximidade, um dispositivo de desindividualização, uma oportunidade inteiramente nova de articulação de discursos, mesmo entre pessoas que nunca trocaram palavras. As barreiras do corpo são extrapoladas na medida em que a própria comunicação de longa distância, a qual já se gabava da aproximação entre entes queridos, revoluciona as articulações de movimentos sociais e de espectadores não engajados – que até pouco tempo desconheciam ou pouco sabiam sobre determinadas “bandeiras” de luta.

Qualquer corpo, em qualquer lugar, dotado de uma conexão com a rede é uma mídia em conexão com outras, em uma interminável cadeia de compartilhamentos e propagação do que está sendo veiculado. Encontra-se um alargamento de limites na frase “em qualquer sociedade, o corpo está preso no interior de poderes muito apertados, que lhe impõem limitações, proibições ou obrigações” (Foucault, 1975/2004, p.126). Na nuvem, as limitações do corpo-mídia se esvanecem. Corpo-mídia que é produtor e não apenas terminal do que é dito pelo discurso midiático hegemônico.

A possibilidade de um corpo que articula suas produções regionais com atores desconhecidos ou mesmo agrupa-se com coletivos de outras nações, envolvidos em lutas identitárias diversas, mas que operam por uma mesma lógica de insubmissão ao controle de seus corpos e desejos; todos esses elementos multiplicam as formas de “vandalismo”.

No campo da produção artística, todo um conjunto de obras é produzido fora da cena midiática hegemônica e objetivando, a partir de uma leitura articulada entre movimentos sociais, não se submeter aos primados puritanos e almejando o confronto com concepções estabelecidas de ser sujeito. É o caso das ações autodenominadas pornô-terroristas, como a música “Sou passiva, mas meto bala” de K-trina-Erratik, dis-

ponível na “soundcloud”, um site que utiliza a nuvem para disponibilizar mesmo produções alternativas na esfera musical⁶. Diz a letra: “Silas Malafaia / ama o gay como ao bandido / então ele me ama em dobro / que sou gay e sou bandida [...] mas não transo o Malafaia / Não dou bola pro fascismo... / Não tolero homofobia... / E se vier mexer comigo... [sons de tiro]”.

A questão aqui não é valorar ou atribuir estatuto de legitimidade ao conteúdo da letra, mas ressaltar que “O significativo é a maneira como a Revolução faz espetáculo, é a maneira como é recebida em toda volta por espectadores que não participam dela mas a vêem, que assistem a ela e que, bem ou mal, se deixam arrastar por ela.” (Foucault, 1983/2010, p. 18). Esse terrorismo pornográfico, como o ocorrido em julho de 2013, quando um grupo performou uma encenação envolvendo a introdução de crucifixos em seus ânus, durante a Jornada Mundial da Juventude, que ocorria durante a Marcha das Vadias, tem um papel fundamental no embate de discursos. Funcionam como situações-analisadoras, as quais obrigam, pelo radicalismo conflitivo, a produção de espaços de discussão entre os vários atores envolvidos na produção de práticas de liberdade e aqueles que se comprometem com a sujeição dos corpos. Diz K-trina, parafraseando o coletivo do “Luddismo Sexxxual” – que por sinal produz um pro-

grama de nome muito atual “Foucault para encapuchadxs”, substanciado no livro de Caserola (2012): “si no podemos ser violenta no es nuestra revolución (sic)”.

Essa frase, tanto quanto “Não dou bola pra fascismo” compõe uma resposta a uma determinada iniciativa de higienizar os protestos, em uma clara tentativa de controle e regulamentação das manifestações pelo conjunto grande mídia / autoridades políticas e policiais. Percebendo a grande adesão procura-se controlar, ordenar e dolocilizar os corpos, as vozes e os gritos, proclamando que existe uma única forma “correta” - e limpinha- de se protestar – ou de fazer revolução. A “hashtag” #semviolencia, a qual emerge de um grito de resposta dos manifestantes aos abusos da polícia nos protestos é capturada e transformada em grito de ordem, acoplada a #semvandalismo. Um dos produtos desse movimento é um folder distribuído pela Polícia Militar do Rio de Janeiro – e apoiado pela Imprensa Oficial - nos protestos, no qual convoca os “manifestantes pacíficos” a denunciarem os “vândalos”. Na publicação é possível ler “Sem violência / PAZ / Ajude-nos a proteger você / Afaste-se dos que insistem em vandalizar uma manifestação pacífica.”⁷ O grau de criminalização das formas outras de resistência é tamanho que o ato de fugir ao esperado é capaz de ferir a “manifestação pacífica”, o

que fica expresso pela idéia dela ser objeto do ato de vandalizar.

Retomando a noção de insubserviência às determinações de como a “revolución” deve enunciar-se ou transcorrer, talvez, tanto quanto a “hashtag”, ela constitua uma zona de proximidade possível entre as tantas manifestações tomadas sob o signo de vandalismo. A semiótica vândala/baderneira/terrorista reúne uma série de compreensões sobre a necessidade de abertura e depredação de limites. E é justamente nisso que reside a estética do *#somostodoscompletecomoquequiser*. Ao mesmo tempo que se é NINJA, é-se ao mesmo tempo o manifestante que perdeu a visão após receber um tiro de borracha, bem como um outro manifestante preso que nunca vimos. Basta representar uma espécie de apoio após o *#somostodos*. Um mar de outras conexões que agrupam identidades assumidas pela duração de um “post”, na expectativa da resistência insurgindo enquanto bandeira.

Ao elaborar uma história possível do Japão Feudal, Zoughari (2005) traz considerações históricas sobre documentos de mais de quatro séculos, em um esforço para narrar de maneira não fantasiosa a emergência do termo ninja. O historiador define um esforço do que poderíamos chamar de criminalização – embora ele não utilize tal palavra ao longo do texto – da figura do ninja.

Em uma historicização alternativa à figura do violento assassino encapuzado, o autor suscita uma reflexão sobre evidências dos ninjas como guerrilheiros camponeses em luta contra o regime opressivo do xogunato, existente à época, cujas ações sofreram agressivo processo de torção midiática.

Dessa forma, a resistência ninja do Japão Feudal aproxima-se da articulação NINJA contemporânea, na medida que, ao igualarem-se todas as ações de resistência não passivas e submissas à expectativa normativa, ambos tornaram-se terroristas, ambos encontram-se criminalizados.

De maneira a escapar à identificação que transformaria o processo de criminalização em uma incriminação penal, os ninjas utilizavam máscaras. A própria denominação ninja tem emergência em uma referência a essa prática. O Kanji – uma forma ideogramática encontrada na expressão escrita das línguas chinesas e japonesas – “nin” de onde emerge a palavra “ninja”, pode ser lido “shinobu” ou “shinobi”, que por sua vez podem ser empregados enquanto “shinobaseru”, que significa “ocultar”, ou “manter escondido” (Zoughari, 2005).

Curiosamente, o mesmo Zoughari (2005) aponta que a leitura “shinobu” tem o significado direto de “resistir”. Em outras palavras, ninja é a pessoa a que resiste. Opor-se àquilo que serve de impedimento, barreira, obstáculo.

Se há no obstáculo essa primeira expressão, fluido de desespero, contenção da vida, uma vontade de fugir pela impassível impotência gerada pelo confronto com um poder que apresenta-se como impertigável, existe ainda uma outra maneira de fugir.

Propomos a crença em uma segunda maneira de contatar um plano de vontade de fugir, cujo próprio solo, sedimento, é uma subversão, necessária ao fluxo desejante.

Ainda que contraditório, parece-me que esse movimento claramente reativo de um movimento subversivo, é, em alguma medida, afirmativo. Figura, coextensivamente à subversão, uma determinada insubserviência. Cabe notar que há uma diferença fundamental entre o ato de ignorar uma servidão voluntária, descrito pela última palavra, e a subversão - a qual se daria enquanto resistência direta àquilo que está obstáculo.

O cadeado produz a vontade de fugir onde, anteriormente, havia apenas expressão do desejo. Alguém, o sujeito, as vidas, apenas se enunciam, até uma torpe manobra de contenção por parte de um poder. Há sim a captura. Porém, há de haver a fagulha de uma persistência em resistir. Da insubserviência à subversão, as vidas insistem em existir.

Tratando, julgo eu, dessa dimensão de uma resistência produzida pela vontade de fugir, de livrar-se da própria contenção, Claudio Ulpiano, em uma de suas aulas

gravadas da qual nem pelo título lembro - aponta uma reflexão interessante. “Pensar é colocar a vida em fuga”⁸. Necessário apontar que ele tratava de um esforço filosófico ativo, versando sobre o pensamento enquanto estratégia para produzir linhas de escape.

Repetimos incontáveis vezes, ansiosos por saber até que longínquo confirmo aquele agregado de palavras nos haveria de levar. Inventamos um significado, ao nos debruçarmos sobre a disparidade entre a insubserviência e a subversão. Quando o poder confronta as vidas em enunciação e produz terror, imobilidade ou uma - ainda mais temível - servidão voluntária, de todas as estratégias de combate possíveis, uma das mais belicasas é o exercício do pensamento.

“Pensar é colocar a vida em fuga.” É convidar as vidas a tomarem o obstáculo como positivação da fuga. Como produção do diferente, como o escorregão para um caminho antes impensado e impensável. Pensar é um bom caminho para singularizar. É obrigar a vida a tomar o obstáculo como afirmação de si própria.

O pior efeito do nevoeiro já está dado. Ter medo, estar buscando a fuga-imobilidade, talvez, seja um dos piores efeitos de morte. Seria poético dizer sentir mais dificuldade em engolir a hipocrisia de todos os meus discursos recheados de palavras bonitas sobre desnaturalização do medo que

engolir a própria saliva afetada por gás-lácrimogêneo. Seria heróico apontar que doía mais temer ocupar as ruas que tomar um tiro de borracha.

Poderíamos todos escolher não ir às manifestações. Da segurança de nossos lares, não nos sujeitarmos ao cacetete, à borracha, ao choque, ao nevoeiro. Essa é experiência totalmente opcional. O medo não...

A memória do medo não nos deixará em paz. Carregaremos-la para qualquer canto do mundo onde tivermos a pretensão de nos esconder. Ele já nos constitui, como dito no início desse texto, fundido em nossa pele, sem abrir possibilidade para dele nos esquivarmos. Segue outro texto de diário de campo:

No caminho, estaria com medo. No protesto, ele guiaria cada olhar meu, desconfiado, em direção a um suposto perigo. Em casa, ele entregaria minha segurança, paga com a triste existência envergonhada que viveria.

Notar o terror como irreduzível, como obstáculo, impeliu até minhas últimas energias a dizer um enérgico “não!”. Nada viveria incrustado em mim, como um câncer inevitável, para o qual eu não pudesse oferecer resistência. A repentina consciência da inevitabilidade do medo construiu em mim a coragem de seguir em direção ao centro da cidade. naquele momento, decidi impor ao meu medo, uma política de terror. Seria diligente nesse

confronto. Àqueles que, através do horror, tentam neutralizar as forças produtivas da vida; aos juízes emitindo ordens de prisão para manifestantes caso organizassem novos protestos, à violência policial, ao meu corpo sensível às agressões, eu diria: é, ainda, possível resistir! (Diário de campo, Rossotti, 17 de junho de 2013)

E se é ainda possível resistir, é porque todos somos “shinobu”, #somostodos-NINJAs.

Notas

¹ Definições consonantes com as delimitadas pelo Instituto Nacional de Meteorologia (INMET), disponíveis em agosto de 2013 no endereço eletrônico <http://www.inmet.gov.br/html/informacoes/glossario/glossario.html>

² A expressão “queimou sutiãs” está sendo usada simbolicamente para representar um dos levantes históricos do movimento feminista, na década de 60 (tendo o primeiro sido no momento pós revolução industrial). Entretanto, sabe-se que sutiãs não foram, de fato, queimados.

³ Disponível em <http://www.youtube.com/watch?v=MTui69j4XvQ> Acesso em setembro de 2013.

⁴ A versão brasileira pode ser recuperada em <http://www.youtube.com/>

[watch?v=OkDP0Bmo3tg](http://www.youtube.com/watch?v=OkDP0Bmo3tg) tendo sido acessada em setembro de 2013.

⁵ Acessado em setembro de 2013, disponível em <http://www.youtube.com/watch?v=MaQmyhkGNm0>

⁶ Recuperado em agosto de 2013. Disponível em <https://soundcloud.com/popguerrilha/eu-sou-passiva-mas-meto-bala>

⁷ Disponível em <http://www.flickr.com/photos/imprensapmerj/9089416336/> Recuperado em agosto de 2013.

⁸ Tivemos contato com essa fala através de uma curta exposição dela no evento de lançamento do livro “Gilles Deleuze: A grande aventura do pensamento”, o qual consta nas referências sob o nome de seu autor, Claudio Ulpiano (2013).

Referências

Bressane, R. (2013, Julho). Guerradosmemes. *Revista Piauí*. Recuperado em 30 de agosto, 2013, de http://revistapiaui.estadao.com.br/edicao-82/esquina/guerra-dos-memes?utm_source=revistapiaui&utm_campaign=share&utm_medium=facebook&utm_content=http%3A%2F%2Frevistapiaui.estadao.com.br%2Fedicao-

- [82%2Fesquina%2Fguerra-dos-memes](#)
- Caserola, M. (2012). *Ética amatoria del deseo libertário y las afectaciones libres y alegres*. Buenos Aires: (IM) PENSADOS.
- Coimbra, C. M. B. (2001). *Operação rio: O mito das classes perigosas*. Rio de Janeiro: Oficina do Autor/Intertexto.
- Letsch, C. (2013, 3 de Junho). Social media and opposition to blame for protests, says Turkish PM. *The Guardian*. Recuperado em 30 de agosto, 2013, de <http://www.theguardian.com/world/2013/jun/02/turkish-protesters-control-istanbul-square>
- Foucault, M. (2004). *Vigiar e punir*. Petrópolis: Vozes.
- Foucault, M. (2007). Os Intelectuais e o Poder. Em M. Foucault. *Microfísica do Poder* (23a ed.). Rio de Janeiro: Graal.
- Foucault, M. (2010). *O governo de si e dos outros*. São Paulo: Martins Fontes.
- Foucault, M. (2012). *Ditos e escritos VIII: Segurança, penalidade, prisão*. Rio de Janeiro: Forense Universitária.
- Sodré, M. (1992). *O social irradiado. Violência urbana, neogrotesco e mídia*. São Paulo: Cortez.
- Ulpiano, C. (2013). *Gilles Deleuze: A grande aventura do pensamento*. Macaé: Funemac.
- Zoughari, K. (2005). *A arte do ninja: Entre ilusão e realidade*. São Paulo: Editora JBC.

Recebido em: 17/09/2013 – Aceito em: 31/10/2013